



**DE PATINHO FEIO À CISNE: O DESVELAR DA IMAGEM
INCONSCIENTE DO CORPO**

*EL PATO FEO AL CISNE: LA DEVELACIÓN DE LA IMAGEN
INCONSCIENTE DEL CUERPO*

*OF UGLY DUCKLING TO THE SWAN: UNVEILING THE BODY'S
UNCONSCIOUS IMAGE*

José Luiz dos Santos¹,

Mônica Daniela Pacheco de Paula²

Resumo:

O presente estudo baseia-se em uma perspectiva epistemológica ancorada na subjetivação, a qual está intimamente ligada ao processo interpretativo. Dessa forma, a pesquisa toma como perspectiva teórica a vertente psicanalítica. Inicialmente traz à tona uma revisão conceitual sobre os excertos de Jacques Lacan e principalmente de Françoise Dolto, sobre a estruturação da imagem inconsciente do corpo na infância. Em um segundo momento, discute a teoria na prática, a partir de um caso clínico. Delineando-se como um estudo de caso, centrado em atendimentos realizados em uma instituição particular com uma criança em idade escolar. Os resultados são abertos, e, apresentados em condições de hipóteses. Os elementos extraídos das escutas clínicas serão refletidos a luz dos referenciais propostos, essencialmente com relação ao conceito de imagem inconsciente do corpo, formulado por Françoise Dolto.

Palavras-chave: Imagem Inconsciente do Corpo, Françoise Dolto, Infância.

¹ Prof. Dr. Faculdade São Francisco de Assis- POA/RS.

² Prof. Coordenadora do serviço-escola de psicologia da Faculdade São Francisco de Assis- POA/RS- Docente do curso de Psicologia.

Abstract:

The present study is based on an epistemological perspective anchored in subjectivation, which is closely linked to the interpretive process. Thus, the research takes the psychoanalytical perspective as a theoretical perspective. Initially it brings up a conceptual review of the excerpts by Jaques Lacan and mainly by Françoise Dolto, on the structuring of the unconscious body image in childhood. In a second step, it discusses the theory in practice, based on a clinical case. Outlining itself as a case study, centered on visits made at a private institution with a school-age child. The results are open, and, presented under hypothetical conditions, the elements extracted from the clinical listening will be reflected in the light of the proposed references, essentially in relation to the concept of unconscious body image formulated by Françoise Dolto.

Keywords: Unconscious Image of the Body, Françoise Dolto, Childhood.

Resumen

El presente estudio parte de una perspectiva epistemológica anclada en la subjetivación, que está estrechamente ligada al proceso interpretativo. Así, la investigación toma la perspectiva psicoanalítica como perspectiva teórica. Inicialmente plantea una revisión conceptual de los extractos de Jaques Lacan y principalmente de Françoise Dolto, sobre la estructuración de la imagen corporal inconsciente en la infancia. En un segundo paso, se discute la teoría en la práctica, basada en un caso clínico. Se perfila como un caso de estudio, centrado en las visitas realizadas a una institución privada con un niño en edad escolar. Los resultados son abiertos y, presentados en condiciones hipotéticas, los elementos extraídos de la escucha clínica se reflejarán a la luz de las referencias propuestas, esencialmente en relación con el concepto de imagen corporal inconsciente formulado por Françoise Dolto.

Palabras clave: Imagen inconsciente del cuerpo, Françoise Dolto, Infancia.

Introdução

Sob a ótica do referencial teórico psicanalítico, o estudo se propõe a discutir a clínica na infância, lançando mão da temática do processo de construção da Imagem Inconsciente do Corpo e suas implicações na constituição psíquica da criança.

Trata-se então de um estudo teórico-clínico, no primeiro momento será apresentada uma revisão bibliográfica de achados teóricos ao que se refere ao corpo e suas imagens. Nessa perspectiva, toma como essencial o desdobramento do aporte teórico e conceitual da imagem inconsciente do corpo proposta por Françoise Dolto, bem como, o conceito de imagem do corpo desenvolvido por Jacques Lacan. Em um segundo momento, será apresentado o caso clínico e seus desdobramentos.

O tema desta pesquisa surgiu do desejo de aprofundar os conhecimentos clínicos e teóricos de um atendimento no qual fora encaminhado por uma escola para tratamento psicológico com a queixa principal de problemas de aprendizagem. Especificamente, por um caso (em) especial, de um menino de (9) nove anos, que chega ao consultório, com sintomas e inibições. Por um lado, as observações, escuta clínica a criança, entrevistas com os pais e essencialmente as produções gráficas realizadas pela criança e, por outro, via relação transferencial instaurada nas sessões, permitiu-me perceber a importância da compreensão da imagem inconsciente do corpo da criança, pois é a partir desta imagem que a criança se lançará sobre o olhar do outro em “[...] qualquer fantasma existencial de presença para si mesmo e para o mundo” (DOLTO, 2012, p.18).

A partir desse momento, o problema de pesquisa passou a delinear-se em torno da importância da compreensão da imagem inconsciente do corpo desvelada através das produções gráficas produzidas nas entrevistas clínicas como meio de elaboração de conflitos.

A imagem inconsciente do corpo: uma concepção Doltoiana

Françoise Dolto, criada num meio de alta burguesia, pediatra de formação, nasceu em 6 de novembro de 1908, em Paris, morreu em 25 de agosto de 1988, tendo-nos deixado uma obra original, oriunda das falas e reflexões comandadas pela clínica e pela escuta do inconsciente (LEDOUX, 1995).

Conforme Ledoux (1995), por volta de 1978, Dolto abandona grande parte de suas atividades institucionais e analíticas e direciona-se à publicação de textos, artigos e escrever livros. A respeito de um dos textos de Dolto, “A imagem inconsciente do corpo”, Juan David Nasio, que fora seu supervisionando, amigo e colega, enfatiza que a autora não foi tão somente escritora de uma clínica, mas, sobretudo, propôs conceitos, articulou-os, trabalhou-os, os reuniu e os ilustrou, salienta ainda “seu

exercício de compositora, pois compôs uma teoria, teoria extremamente acabada e sólida em sua coerência” (DOLTO; NASIO, 2008, p.10).

Dolto propõe dois conceitos fundamentais para formular sua teorização acerca da constituição psíquica do corpo, de um lado a imagem do corpo e de outro, o esquema corporal. No entanto, é importante diferenciar o termo "imagem", na concepção Lacaniana e Doltoiana (SILVA, 1997).

Dolto refere-se ao termo imagem, como uma imagem inconsciente do corpo, que desaparece com a imagem especular (aquela conhecida no espelho), é fundada na dependência da relação com o outro, tratando-se de uma imagem de sensações internalizadas. (DOLTO; NASIO, 2008). Para Lacan a imagem referida, faz referência à imagem especular, à imagem do espelho, devolvida pelo olhar do outro.

Conforme Dolto (2012), o esquema corporal, não deve ser confundido com a imagem do corpo, defini-se como uma realidade de fato, lugar e fonte das pulsões sendo de certa forma, um viver carnal no contato com o mundo físico, inaugura-se no momento do nascimento e se desenvolverá como um corpo real, submetido a leis da fisiologia. Nesse sentido, falamos de um corpo pulsional, portanto, não sentimos nenhuma emoção, viva, agradável ou dolorosa sem que, simultaneamente, imprima-se sobre ele, uma representação psíquica (NASIO, 2009).

A imagem do corpo, por sua vez, reporta o sujeito do desejo a seu gozar, mediatizado primordialmente pela linguagem memorizada da comunicação e da experiência relacional sentida e vivida desde o desenvolvimento fetal com o Outro (DOLTO, 2012).

Em suma, “Se o esquema corporal é, em princípio, o mesmo para todos os indivíduos da espécie humana, a imagem do corpo, em contrapartida é peculiar a cada um, está ligada ao sujeito e à sua história” (DOLTO, 2012, p. 14).

As imagens do corpo e a constituição do sujeito: de Dolto Lacan

Nasio (2009) salienta que a sensação de sermos nós mesmos, é essencialmente a fusão íntima de nossas duas imagens do corpo, de um lado a imagem mental de nossas sensações físicas, de como sentimos nosso corpo, e, de outro lado, a imagem visível de nosso corpo no espelho. No que diz respeito às imagens do espelho, há duas descobertas, por parte da criança a respeito de sua imagem especular, uma se dá muito cedo, quando o bebê se vê diferente da mãe, e reconhece o reflexo no espelho como sendo sua própria imagem, a outra descoberta ocorre por volta dos três anos, quando a criança, desiludida percebe que a imagem percebida no espelho não é ela.

Para Lacan a imagem da silhueta do corpo refletida e percebida no espelho pela criança entre (6) seis e (18) dezoito meses é estruturante na constituição da identidade, e fundante do EU, quando o bebê, surpreso, alegra-se ao perceber-se

fascinado por seu duplo, seu reflexo no espelho, agita-se e sente-se feliz. “É esse reconhecimento lúdico da imagem especular do corpo, ou imagem global do corpo, que Lacan conceitualizou sob a expressão estágio do espelho” (NASIO, 2009, p. 20).

Conforme enfatiza Lacan (1998), a função do estágio do espelho revela-se como meio de estabelecer uma relação do bebê com sua realidade. “[...] é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação, e que fabrica para o sujeito, [...] as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo, até uma forma de sua totalidade” (LACAN, 1998, p.100).

No entanto, para Dolto a imagem especular vai ser descoberta por volta dos três anos, fase na qual a criança compreende que o reflexo que o espelho lhe devolve não é ela, pontua, que há uma defasagem entre a realidade de sua imagem e a realidade de sua pessoa, essa desilusão é considerada pela criança como um trauma, um abalo no psiquismo infantil, onde passa então, a fantasiar que os outros só têm acesso a ela pelo que dá a ver, com isso negligência suas sensações internas e privilegia as aparências (NASIO, 2009). “A amargura da desilusão dá lugar a astúcia inocente de uma criança que utiliza sua imagem especular em prol de seu narcisismo” (NASIO, 2009, p 21).

“É, portanto, a partir dos três anos, e durante toda a nossa existência que a imagem do corpo visto irá impor-se incessantemente na consciência, em detrimento das imagens do corpo vivido” (NASIO, 2009, p. 21). Que por sua vez, serão relegadas e recalçadas no silêncio do inconsciente, e, não raro, em muitos casos, sucumbirá ao consciente como forma de expressão de conflitos, fazendo sintoma no sujeito.

Em suma, seguindo na contracorrente de Lacan, que enfatiza a imagem percebida pela criança de seu duplo diante ao espelho como organizadora na constituição do EU, por outro lado, Françoise Dolto assinala os efeitos alienantes e desorganizadores frente ao sofrimento que invade a criança de três anos, amargurada ao saber que o acreditava ser ela não passa, na verdade, de uma aparência em si (NASIO, 2009).

Conforme Dolto e Nasio (2008), as principais divergências encontradas nas formulações teóricas de Dolto e Lacan sobre o estágio do espelho dizem respeito ao impacto da criança ao perceber sua imagem refletida no espelho, se dá sob a confrontação do corpo real com a imagem especular, e, à natureza afetiva do seu duplo no espelho. No entanto ao mesmo tempo em que as concepções se impõem entre si, tornam-se complementares.

Em meu corpo e suas imagens, texto de Nasio (2009, p.22), o autor baseado na teorização de Dolto, cita os efeitos da imagem inconsciente do corpo, e, os aponta na constituição do sujeito:

Fortemente pregnantes, as imagens inconscientes do corpo infantil determinam nossos comportamentos corporais involuntários, nossas mímicas, gestos e posturas; inpletam as curvas de nossa silhueta, marcam os traços do rosto, avivam o fulgor do nosso olhar e modulam o timbre de nossa voz; decidem nossos gostos, nossas atrações e repulsas, ditam nossa forma de nos dirigir corporalmente ao outro.

Conforme Dolto (2012), para o sujeito elaborar sua imagem inconsciente do corpo e se constituir plenamente, é preciso, libertar-se dos estados arcaicos e regressivos, contudo, terá que enfrentar, superar e simbolizar as castrações umbilical, oral, anal e edipiana. Tal processo denominado pela autora de castrações simbologênicas, que se dão pelo nível da palavra do Outro, após a criança ter sido privada de uma satisfação. “Essas castrações são definidas por Françoise Dolto como frustrações hedônicas, provações durante as quais a criança esbarra na proibição ligada a um gozo focalizado numa dada zona corporal, num certo estágio do desenvolvimento” (LEDOUX, 1995).

Em suma, de acordo com Ledoux (1995), a renúncia a um objeto de desejo, que até então era permitido e objeto de gozo pela criança, possibilita uma simbolização importante, um círculo de comunicação mais elaborado. Ora, é o desejo que se esbarra na lei, transformando a vida do sujeito.

Caso clínico

Sobre os aspectos éticos, para dar conta do sigilo do participante neste caso clínico, conforme Herrmann et al (2002), o relato do caso deve ser descrito como uma forma de ficção verdadeira, que permite contar uma história, sem que exponha o sujeito. Portanto, “o historiador narra à essência do acontecido não o conjunto das experiências individuais daqueles que participaram” (Herrmann et al, 2002, p. 22). Assim, no referido caso os dados de identificação tanto da criança, como da família foram alterados, a fim de impedir qualquer forma de reconhecimento.

O sujeito investigado, cujo material clínico será apresentado e discutido neste estudo trata-se de um menino de (9) nove anos. Os instrumentos utilizados neste estudo referem-se à escuta clínica nas entrevistas, bem como a reflexão sobre as produções gráficas construídas pelas crianças em meio a uma relação transferencial entre paciente/terapeuta durante o tratamento.

Como enfatiza Ferreira (2009, p. 24) “o discurso e a grafia deixam marcas, códigos, subtextos, a verdade do sujeito pode ser comunicada nas entrelinhas. O deciframento analítico é possível, na captação dos símbolos e na perseguição dos deslocamentos”. Diante disso, as diferentes formas languageiras trazidas pela criança, foram tomadas enquanto instrumentos de expressões de conflitos, entre elas estão a contação de histórias, os desenhos e os atos falhos nas grafias e no discurso da criança.

Conforme Ferreira (2009), a entrevista clínica em psicanálise é o encontro com o paciente, que por meio de um apelo desarmado convida-o a falar espontaneamente tudo o que lhe venha à mente. É uma construção a dois, onde é impossível tudo dizer, da mesma forma como é impossível tudo escutar. “Esta injúria é traço indelével na relação analítica, onde o suporte se chama transferência” (FERREIRA, 2009, p.19).

De Patinho Feio a Cisne: O desvelar da imagem inconsciente do corpo

Identificação

Pedro tem nove anos de idade, foi adotado aos sete anos, é o último entre os quatro filhos de “suas mães”, de estatura baixa, (aproximadamente 1,20 metros), seus cabelos e olhos são castanhos escuros, sua vestimenta é adequada a sua idade. Ele se mostra bastante introspectivo, evita o contato nos olhos, entretanto, ao ser questionado, o nível de respostas evidencia um vocabulário bastante articulado.

É encaminhado pela professora ao serviço de Psicologia da instituição que frequenta, em razão de não conseguir se expressar em sala de aula, demonstrava demasiado retraimento no ambiente escolar, não fazia questões pertinentes à aula, e era lento para copiar o conteúdo da aula. João, pai adotivo de Pedro, complementa que o menino parece ter a “língua presa” (sic), por fim, acrescenta possíveis “suposições diagnósticas” pelo fato de o garoto não manter contato fixo nos olhos.

Síntese da História Clínica

A família originária de Pedro constituía-se de seus genitores e irmãos, apesar de morarem em uma pequena casa em condições financeiras menos favoráveis do que atualmente oferecida pela família adotiva, ele recordava de sua família como um lugar divertido, alegre, o qual sente saudades.

Do genitor, Pedro o tem poucas recordações, quanto à genitora, chamava-se Nádia, desta recorda-se e a traz o tempo todo em sua narrativa, como uma mãe amorosa, carinhosa, que lhe dava bastante liberdade, mas também, remete-se a uma mãe frágil, doente, e debilitada que não pode lhe cuidar, mas de quem sente saudades. Nádia estava em fase terminal de um câncer, faleceu pouco tempo depois de entregar o filho à família adotiva. Na época, Pedro estava com sete anos de idade.

Por sua vez, a “nova família”, constituída por João (pai adotivo), Selma (mãe adotiva) dois filhos e Danilo, filho adolescente morto, que João tenta imaginariamente substituir por outro membro, neste caso, Pedro. A partir daí o menino será confrontado permanentemente com a fantasia idealizada do filho morto, com a missão de tapar a falta do filho junto a Selma.

Na sua onipotência João pode recusar os efeitos da morte, visto que o “filho” ainda está presente. Selma por sua vez, continua a cuidar da comida, do corpo e da casa, como fazia antes da morte de Danilo, pois a falta ilusoriamente está tamponada. Se para João a castração parece ser recusada, para Selma o Nome-do-Pai parece foracluído. E Pedro, é então impedido de assumir sua identidade, se vê em meio a

questões difíceis de elaborar, as quais atuam na desorganização de sua imagem inconsciente corporal.

Visto que a demanda da “nova família” é o apagamento do EU, de Pedro. Ora, o que já foi conhecido, lembrado e falado pelo menino já não tem mais valor, precisa ser recalçado, deixado de lado, doravante precisará aprender e reencarnar o fantasma do filho ideal, suposto ao filho que morrera.

Discussão

Na primeira entrevista ao ser questionado acerca do motivo pelo qual viera para atendimento, prontamente Pedro responde: *“porque eu sou muito tímido; não consigo conversar olhando nos olhos das pessoas; não consigo falar nada e nem perguntar nada e não consigo aprender nada na escola (sic)”*. A chegada de Pedro ao tratamento denuncia a partir de sua narrativa a alienação frente ao discurso do pai adotivo, o menino parece ser o porta voz fiel do pai, repetindo tudo aquilo que o pai havia dito anteriormente.

Diante disso, ao passo em que a entrevista foi se desdobrando, ele começa a falar mais livremente sobre o seu mal-estar e dispara: *“sinto uma sensação de não falar nada, parece que tem um troço trancado na minha garganta (sic)”*. Desde as primeiras narrativas do menino, podemos perceber o desejo em livrar-se desta angústia que o toma, o troço trancado na garganta parece atuar como um significante para Pedro pelo qual é representado sobre o investimento desta família adotiva no apagamento de seu EU e de sua imagem inconsciente, pela qual já fora estruturada e organizada em sua família de origem.

Em outras palavras, é o *“troço trancado na garganta”* como representante da impossibilidade de falar sobre si, bem como conhecer-se em sua imagem, efeito estes, da tentativa alienante desta família em fazê-lo substituir-se por aquele que falta em corpo real, embora permaneça mais vivo que o próprio Pedro.

Convido-o a debruçar-se sobre suas questões, sob qualquer forma de expressão que venha desejar, e enfatizo a ele que pode falar sobre qualquer coisa que lhe vier à mente, sem qualquer tipo de censura. Ele escolhe pelo desenho e juntamente com a narrativa se mostra à cena livremente, decide em fazê-lo a si próprio (ver fig. 1).

A partir disso, o processo terapêutico foi marcado pela implicação do sujeito na relação transferencial com o terapeuta. Conforme Maurano (2006, p.8), “a transferência tem a ver com o amor, com a demanda de ser amado, articula-se com a forma como a demanda de amor será acolhida, encaminhada, tratada e desmontada na experiência psicanalítica”.

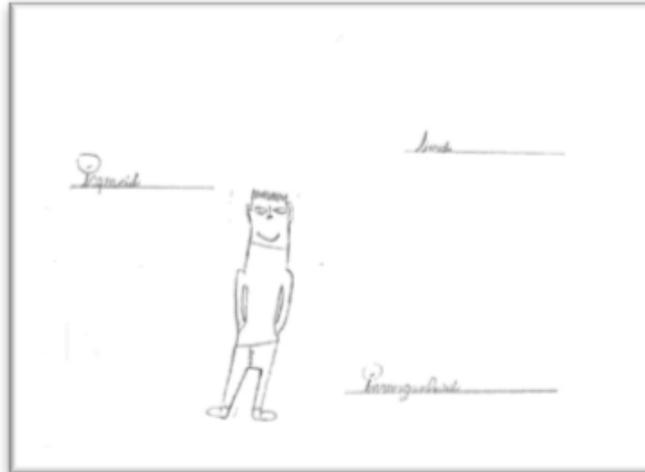


Figura 1: O autorretrato

Conforme preconiza o método psicanalítico, os atos falhos são uma forma importante de acessar aquilo que não é consciente para o sujeito. Assim, como efeito da tentativa de assujeitamento desta criança a incorporação de uma identidade a qual não lhe pertence, Pedro o desenha como uma figura idealiza pelo pai adotivo, ou seja, imagem baseada na semelhança para com ele, assumindo até mesmo um movimento de braços que corresponde à profissão em que o pai ocupa.

No entanto, interpretado como ato falho, aparece na grafia, duas cabeças, e quatro mãos, duas escondidas, duas livres, fazendo-se incógnita que pode vir a desvelar a própria imagem inconsciente do corpo. São estes elementos que foram apagados, mas que (literalmente) deixaram marcas, os correspondentes a seu antigo vivido corporal na família de origem.

No decorrer dos atendimentos, com a censura menos operante em seu aparelho psíquico, ele pode falar sobre tudo que pensava e assim desejasse exteriorizar, sem que houvesse qualquer tipo de repressão por aquele que o escutava. Desse modo, com a diminuição da ameaça de apagamento do EU, Pedro sente-se mais livre a recobrar ainda mais seu antigo vivido corporal que até então, estava reprimido no silêncio de seu inconsciente.

Nesta outra produção, (ver fig. 2), ele desenha a família atual, na qual chama de família de 2005, e não de sua. A casa como representante de uma estrutura, mas não de um lar, notemos a falta de elementos básicos, como ausência de janelas e fechadura, quanto aos membros da família, desenha o pai, a irmã, a mãe adotiva, e a ele próprio, no entanto é explícito um duplo à sua figura e à da mãe, ou seja, Pedro faz uma justaposição de suas mães Selma/Nádia, assim como dele próprio e Danilo.

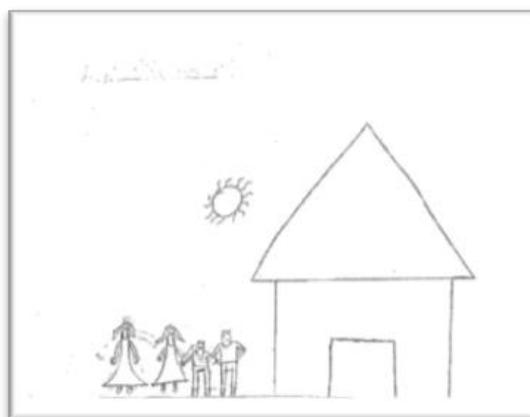


Figura 2: A família imperial

A partir desta mesma produção gráfica, sugiro a ele que intitule o desenho e reproduza um roteiro como se fosse uma história, ele prontamente conta: *“A família imperial” (sic)*, ao ser questionado a cerca do título, respondeu: *“porque me botaram no mundo” (sic)*. Aqui, Pedro faz uma sobreposição das famílias, (biológica/adotiva), portanto, se é largado no mundo, ele é objeto da ação do outro, objeto do desejo do outro. Quanto ao roteiro, as palavras lhe resvalam com facilidade: *“Assim, tinha um monte de coisa legal, minha irmã era pequena, meu pai era pequeno (novo), minha mãe também, os dois eram jovens, daí eu fui adotado, mas não lembro o ano, daí eles formaram uma família” (sic)*. Neste primeiro momento, ele refere-se a “família de 2005”, parece não haver uma vinculação efetiva como também parece não fazer parte, dirige-se à família com números e fatos, de forma superficial.

Em continuidade, a história: *“A família imperial tinham muitas coisas para fazer com sua família (antiga família), primeiro construíram uma casa de madeira (mãe frágil, doente) (sic), mas depois veio o temporal e molhou toda a casa que caiu, depois eles construíram uma casa de tijolos quando choviam nunca chovia dentro nem caía a casa (família de 2005), mas quando veio o vento, morreu a filha, daí outro filho foi adotado (substituto do filho morto). FIM” (sic). “Daí eu fui adotado” (sic).*

A família imperial nada mais é que uma amarração inconsciente das duas famílias, como é enunciada na história de Pedro, que faz uma analogia com a clássica literatura infantil dos três porquinhos. Conforme Corso e Corso (2006), a fábula dos três porquinhos da conta da necessidade de proteção da criança diante de perigos que ela ainda não decodifica bem, mas desconfia que deva aprender e evitar.

A partir disso, Pedro consegue falar da angústia de separação com mãe Nádia e sobre a experiência traumática de sentir-se roubado de sua família e ao mesmo tempo desconsolado pela sensação de ter sido dado por sua mãe por ela não o amar mais. Segundo Freud (1977), quando por qualquer motivo não haja reação a um trauma psíquico, ele retém seu afeto original, e quando o sujeito não consegue

livrar-se do acréscimo de estímulo, é deparado com a possibilidade de que o evento em questão permaneça como um trauma psíquico.

Todavia, ele debruça-se na elaboração deste conflito e conclui que sua mãe não o deu, por não o amar, mas, sim, em razão da doença. A partir daí, Pedro assumi-se como uma criança que foi *“pegada”* (sic) para ser cuidada por outra família, a qual não é a sua, mas que anterior a isso, foi amado, acolhido e fundamentalmente inscrito pelos investimentos de sua família de origem, particularmente pela mãe Nádia.

Dessa forma, ele sustenta que mesmo às tentativas alienantes e fantasiosas desta família acerca do apagamento e substituição de corpos, as marcas psíquicas que lhe foram transmitidas e fundamentais na estruturação de sua imagem inconsciente de corpo, não podem ser substituídas, nem tão pouco apagadas.

No discurso de Pedro, há indicativos muito claros na mudança de posição subjetiva. A relação transferencial possibilitou um espaço em que ele pudesse dar voz às suas fantasias ambivalentes em relação à nova família: *“[...] agora eu faço qualquer coisa, menos coisa errada, do tipo, responder, brigar, machucar os pais (sic); [...] machucar falando que eles não são bons pais, que nem um vale nada (sic); [...] Eu não quero ser mais o filho de vocês, porque vocês só ficam brigando, é chato, esse tipo de coisa (sic); [...] também não pode falar essas coisas, tipo... Eu não gosto mais dos meus pais porque eles são muito brigões, não dão valor a mim, isso que não pode falar, porque eles dão valor”*.

Ao término do tratamento, com entusiasmo Pedro chega e dispara dizendo: “eu já to bom”, o questiono sobre isso e ele acrescenta: *“[...] estou bom em todas as coisas, já consigo perguntar tudo, na escola quando tenho dúvidas eu pergunto para a professora, agora eu consigo ler na aula e não tenho mais vergonha (sic); [...] também tenho mais amigos no recreio, e não tenho mais vergonha de olhar para as pessoas, não gaguejo mais, nem fico mais com aquele troço trancado na garganta nem com aquela timidez, nem com aquela vontade de não falar (sic)”* *“[...] agora eu brinco, faço qualquer coisa, eu não tenho mais medo de falar, não tenho mais vergonha de nada (sic)”*.

Nesta entrevista, Pedro sente-se tão transformado e livre que não é tão somente seu discurso que é atravessado por esta mudança de posição subjetiva, mas também sua imagem corporal sentida. Na mesma sessão, convido-o a fazer um desenho livre, sem muito pensar, pega o lápis e com movimentos leves e suaves produz um grande Cisne (ver fig. 3).



Figura 3: O Cisne

Conforme Corso e Corso (2006), patinho feio é um dos primeiros heróis modernos escritos para crianças, seu drama baseia-se num persistente sentimento de rejeição, onde a luta vai contra o desamparo e a desesperança. No desenho, assim como na história infantil, há uma identificação do menino com o “calvário do cisnezinho”, ele consegue traduzir no desenho do Cisne, a angústia que foi cair no ninho que não era o seu, bem como a autodescoberta de, metaforicamente, *se perceber Cisne em uma família de patos*.

Enfim, a história do Patinho Feio que se transforma em Cisne, é vastamente conhecida, a análise e interpretação a cerca do desenho do Cisne enquanto instrumento clínico remete à “busca de um lugar”. Pedro pareceu encontrar-se nesse lugar que busca, em meio às entrevistas clínicas e pelas produções gráficas, onde lhe foi permitido que falasse de suas fantasias, desejos e angustias livremente. Desse modo pode encarnar e reorganizar, sem qualquer tipo de ameaça seu antigo vivido corporal. Então, ao curvar a cabeça [...] ele se viu no espelho das águas, descobrindo que havia transformando-se no mais belo dos cisnes (CORSO E CORSO, 2006, p. 33).

Considerações finais

As imagens formadas na cabeça de um bebê permanecem ativas durante toda vida, ou seja, as sensações experimentadas pela criança desde a idade fetal até os três anos de idade ficam impressas em seu inconsciente e são organizadas numa linguagem corporal. Quer se trate de uma criança ou de um adulto, falamos todos, a linguagem das sensações vividas anteriormente em nosso corpo de bebê (NASIO, 2009).

Embora esquecidas, as primeiras sensações corporais vividas por um bebê, permanecem fielmente ao longo da constituição sujeito, de forma a exercer

influências decisivas sobre as relações afetivas, escolhas, até mesmo em produções intelectuais ou artísticas mais abordadas (NASIO, 2009, p. 153).

Diante ao exposto, verificou-se a importância das inscrições e dos investimentos portadores de mensagens, os quais transmitidos por aqueles que exercem a função parental na estruturação da imagem inconsciente do corpo da criança.

Conforme Jerusalinsky (2011) são as formações da filiação, da sexuação e identificação que constituem na fantasia, o que se chama demanda do Outro. A criança pequena está sujeitada a diversas formas de demanda do Outro, e tem que responder de algum modo a essa demanda, “[...] se não está pronto, não tem nenhuma possibilidade de realização e não tem nenhuma garantia a respeito do amor do Outro” (JERUSALINSKY, 2011, p. 47).

Como observamos no caso clínico apresentado, Pedro quando chegou ao tratamento não conseguia lidar com as demandas que lhes eram atribuídas, sem condições para respondê-las, o sintoma emergiu como uma forma de resposta não-respondida.

A partir dos atendimentos, e da (re)organização de sua imagem inconsciente de corpo, Pedro pode falar da angústia em ocupar o lugar de substituto de um membro faltante na família adotiva, bem como elaborar seu drama familiar com a genitora, e principalmente, pode falar de seus desejos que o impulsionava a viver.

Referências

- CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no Divã: Psicanálise nas histórias infantis**, Porto Alegre, Artmed, 2006.
- DOLTO, F; NASIO, J. D. **A Criança no Espelho**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- DOLTO, F. A imagem Inconsciente do Corpo. 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- FERREIRA, J. B. Palavras do Silêncio. **Caderno de Psicanálise**. Rio de Janeiro, v. 31, n. 22, p. 13-36, 2009. Disponível em: http://www.cprj.com.br/imagenscadernos/03.PALAVRAS_DO_SILENCIO.pdf. Acesso em: 22 de abril. 2020.
- FREUD, S. Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos: Uma Conferência (1893). In: FREUD, S. **Primeiras Publicações Psicanalíticas**. Vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- HERRMANN, F; et al. Debate: O Caso Cínico, Sua Narrativa. In: PONTALIS, J. B. **Jornal de Psicanálise**. Instituto de Psicanálise- SBPSP. V. 35, 2002, P. 9-27.
- JERUSALINSKY, A. **Para Compreender a Criança: Chaves Psicanalíticas**, São Pedro: Instituto Langage, 2011.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do Eu. In: ____ Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. P. 96-103.

LEDOUX, M. H. Introdução à Obra de Françoise Dolto. In: NASIO, J. D. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. P. 203-246.

MAURANO, D. **A Transferência**: Uma Viagem Rumo ao Continente Negro. Coleção: passo a passo. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006.

NASIO, J. D. **Meu corpo e suas imagens**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

SILVA, M. M. de S e. Construção do corpo: implicações em um caso de psicose infantil. **Estilos da Clínica**, Brasil, v. 2, n. 2, p. 103-115, jun. 1997. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/estic/article/view/60722/63771>>. Acesso em: 06 abril 2020.

Recebido em: 27/07/2020

Aprovado em: 11/09/2020